

UM ESTUDO DA VOZ NARRATIVA EM *FLORES PARA ALGERNON*: REFLEXOS DE UMA CONSCIÊNCIA EM DECLÍNIO

A STUDY OF THE NARRATIVE VOICE IN *FLOWERS FOR ALGERNON*: REFLECTIONS OF A DECLINING CONSCIOUSNESS

Pâmela dos Reis¹

Recebimento do Texto: 14/02/2025

Data de Aceite: 10/03/2025

Resumo: Este artigo analisa as mudanças linguísticas e estilísticas em *Flores para Algernon*, de Daniel Keyes, em relação à degradação intelectual do protagonista, Charlie Gordon. A investigação foca as alterações na narração à medida que a inteligência de Charlie retrocede, destacando a redução estrutural na voz narrativa, conforme Antonio Cândido (2006) e contando com suporte teórico de Wayne C. Booth (2022). A análise sugere que a evolução estilística reflete a degradação intelectual, sendo fundamental para o desenvolvimento do enredo e sua conclusão.

Palavras-chave: Narração. Voz narrativa. *Flores para Algernon*.

Abstract: This article analyzes the linguistic and stylistic changes in Daniel Keyes's *Flores para Algernon* in relation to the intellectual degradation of the protagonist, Charlie Gordon. The investigation focuses on the changes in narration as Charlie's intelligence declines, highlighting the structural reduction in narrative voice, as suggested by Antonio Cândido (2006) and drawing on theoretical support from Wayne C. Booth (2022). The analysis suggests that stylistic evolution reflects intellectual degradation and is fundamental to the development of the plot and its conclusion.

Keywords: Narration. Narrative voice. *Flores para Algernon*.

1 Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), com pesquisa na linha de Literatura, História e Memória Cultural. É graduada em Língua Portuguesa e Inglesa e respectivas Literaturas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2016) e especialista em Língua Portuguesa: Redação e Oratória pela Faculdade de Educação São Luís (2018). Atualmente, é Orientadora Educacional no Centro Municipal de Ensino Professor José Nodari, em Tangará da Serra - MT. E-mail: pam2019reis@gmail.com

Introdução

O romance *Flores para Algernon*, de Daniel Keyes, narrado em primeira pessoa, na forma de relatórios de progresso escritos pelo protagonista, apresenta a trajetória de Charlie Gordon, um homem com deficiência intelectual que se submete a uma cirurgia experimental que o torna altamente inteligente. À medida que sua inteligência aumenta, Charlie supera rapidamente as expectativas dos médicos responsáveis pela operação, Dr. Strauss e o professor Nemur. A crescente capacidade intelectual de Charlie o leva a se distanciar emocionalmente das pessoas ao seu redor, fazendo-o questionar os princípios da pesquisa que o transformou, bem como os efeitos dessa mudança sobre suas relações pessoais.

A trajetória de Charlie não só retrata uma experiência individual, como também oferece uma crítica às normas sociais que definem o valor humano com base na inteligência. A marginalização de indivíduos com deficiência, refletida na vida de Charlie, expõe como a sociedade tende a desumanizar aqueles que não se enquadram em seus padrões. Essa dinâmica é central para entender a função social da literatura, conforme apontado por Candido (2006). O autor afirma que “as manifestações artísticas são inerentes à própria vida social, não havendo sociedade que não as manifeste como elemento necessário à sua sobrevivência, pois, como vimos, elas são uma das formas de atuação sobre o mundo e de equilíbrio coletivo e individual” (CANDIDO, 2006, p. 79). Isso sugere que a literatura e outras formas de arte são indispensáveis à sobrevivência e ao equilíbrio de uma sociedade.

Nesse sentido, a narrativa expõe como o progresso científico, a ética médica e as expectativas sociais podem impactar a vida de indivíduos, ilustrando como a arte (no caso, o romance) reflete e questiona essas dinâmicas sociais. Candido (2006) também menciona que ao analisarmos a obra “o que interessa de fato é a combinação da análise estrutural com a da função social, pois a literatura dos grupos iletrados liga-se diretamente à vida coletiva, sendo as suas manifestações mais comuns do que pessoais” (p. 57). No caso de Charlie Gordon, seu relato pessoal, redigido na forma de relatórios de progresso, revela mais do que uma experiência individual. Ele personifica, através de sua história, questões coletivas e universais sobre poder, desumanização e o valor que a sociedade atribui à inteligência. A transformação de Charlie é uma representação simbólica

de como o progresso e a exclusão social afetam os marginalizados, expondo assim função social que Cândido atribui à literatura.

A relação entre o conceito de “redução estrutural” de Cândido (2006) e o romance Flores para Algernon pode ser estabelecida ao considerar como os elementos sociais se entrelaçam com a construção narrativa e a experiência do protagonista. A redução estrutural, conforme Cândido, implica que

levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (p. 16).

Na obra de Keyes (2018), essa ideia se manifesta na maneira como a jornada de Charlie reflete questões sociais mais amplas relacionadas à deficiência, à ética da pesquisa científica e à desumanização. À medida que sua inteligência é aumentada e, subsequentemente, deteriorada, a narrativa retrata sua experiência individual e expõe as normas sociais e os preconceitos que permeiam sua vida. O desenvolver da obra, que transita entre momentos de lucidez e regressão, que veremos melhor adiante, incorpora essas questões sociais de forma a moldar a própria voz narrativa de Charlie.

A teoria de Booth (2022) sobre o narrador também é relevante para entender a construção da voz narrativa no romance, uma vez que, a voz narrativa em primeira pessoa pode gerar “simpatia inevitável” ou “distanciamento” no leitor, dependendo de como é apresentada. A escolha de Charlie como narrador confere à obra um caráter profundamente subjetivo, influenciando diretamente na forma como eventos e personagens são relatados. Nesse sentido, a construção da voz narrativa em primeira pessoa é fundamental para o desencadeamento emocional da obra. Segundo Booth (2022),

Se olharmos atentamente para nossas respostas à maioria dos grandes romances, descobriremos que sentimos uma forte preocupação com os personagens enquanto pessoas; nós nos preocupamos com sua boa ou má sorte. Na maioria

das obras de alguma importância, somos levados a admirar ou detestar, amar ou odiar, ou simplesmente aprovar ou desaprovar um personagem central, e nosso interesse em ler de página em página, como nosso julgamento sobre o livro após reconsideração, é inseparável deste envolvimento emocional. (p.137)

Em *Flores para Algernon*, o leitor é convidado a acompanhar o crescimento e a regressão de Charlie em termos cognitivos e emocionais. A evolução de sua voz narrativa, que reflete a mudança em sua capacidade intelectual e autoconsciência, intensifica esse envolvimento. No início dos relatos é possível notar que a narrativa começa de forma simples, com muitos erros de escrita e que revelam uma ingenuidade no protagonista, por exemplo, quando Charlie afirma: “Quero que eles mi usem porque a professora Kinnian disse que tal vez eles possão mi fazer intelijente. Eu quero ser intelijente.” (KEYES, 2018, p.09).

Logo mais adiante no romance é possível perceber como a própria estrutura dos relatórios de progresso, portanto da narrativa, se torna mais complexa, tal como quando Charlie relata que adquiriu novos interesses que ele julga serem mais fascinantes que “são etimologias de idiomas antigos, novos trabalhos no cálculo de variáveis e história hindu. É incrível a maneira como assuntos, aparentemente sem ligação, se conecta.” (KEYES, 2018, p.94). Não só a forma da escrita muda, o conteúdo do que é relatado também segue essa mudança. Essa voz narrativa, que expressa a transformação de Charlie e sua luta por autonomia, é central para a forma como o enredo se desenvolve e como os dilemas éticos da obra são percebidos.

A partir de seus próprios experimentos e observações, além de analisar o comportamento de Algernon, um rato de laboratório que passou pela mesma cirurgia e que inicialmente também demonstrou um aumento significativo de inteligência, Charlie descobre uma falha crítica no procedimento. Ele percebe que, assim como Algernon, cuja habilidade cognitiva começou a declinar rapidamente, sua nova capacidade intelectual é apenas temporária. Essa descoberta alarmante leva Charlie a concluir que a inteligência adquirida pela cirurgia não é duradoura e que ele também está destinado a enfrentar essa mesma regressão. Charlie, ao prever seu próprio declínio, tenta documentar cada etapa dessa regressão, desde

a descoberta científica até as mudanças pessoais que ele começa a vivenciar. Do ponto de vista narrativo, a alternância entre lucidez e deterioração coloca a voz narrativa como o principal meio de representar a evolução e o declínio da inteligência. Ao compreender que sua inteligência não será permanente, Charlie é forçado a encarar sua própria regressão iminente.

A Degradação Intelectual Refletida na Voz Narrativa

Em uma conversa direta com o professor Nemur, Charlie expressa sua insatisfação com a forma como é tratado:

Você se gabou várias e várias vezes de que eu não era nada antes do experimento, e eu sei por quê. Porque, se eu não era nada, então você foi responsável por me criar, e isso transforma você em meu senhor e mestre. Você se ressente por eu não mostrar minha gratidão a cada hora do dia. Ora, acredite se quiser, eu sou grato. Mas o que você fez por mim, incrível como pode ser, não lhe dá o direito de me tratar como um animal de laboratório. Sou um indivíduo agora, e Charlie também era antes de sequer entrar naquele laboratório. (KEYES, 2018, p.228)

Termos como “gabou” e “não era nada” indicam o ressentimento de Charlie pela maneira como sua identidade prévia foi minimizada, enquanto “responsável por me criar” e “meu senhor e mestre” refletem, de acordo com a leitura de Charlie, a relação hierárquica com a qual Nemur se posiciona, como criador e Charlie como criação submissa.

Essa relação entre identidade e hierarquia social, como nos lembra Cândido (2006), reflete a forma como “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura” (p. 14). Ao afirmar “sou um indivíduo agora, e Charlie também era antes”, o protagonista reforça sua luta por autonomia. No entanto, o processo de amadurecimento do protagonista não se limita à mera internalização do externo; é antes um processo social consolidado que gradualmente molda a sua identidade. Esse amadurecimento ocorre por meio de uma crítica implícita que, como expressão estética, revela as tensões entre sua

nova consciência e a sociedade que o cerca, exemplificando o papel do “externo” na transformação interna de Charlie.

Além disso, a alternância de Charlie entre a primeira pessoa (“sou”) e a terceira pessoa (“Charlie”) ao referir-se a si mesmo evidencia a fragmentação que ele faz de sua própria identidade. Embora, nas duas maneiras continue a falar de si mesmo, há um desejo de marcar de fato a separação entre essas duas identidades. Ao mesmo tempo que anseia mostrar que, embora muito diferentes, o Charlie de antes e o de agora estão à margem do que se refere ao quesito social, a diferença é que o atual Charlie tem a capacidade e oportunidade de se fazer ouvido. Por outro lado, Charlie destaca que sua essência sempre existiu, independentemente da intervenção científica, e essa consciência temporal reforça sua luta por reconhecimento e autonomia, mesmo diante da iminente regressão de sua inteligência.

Em uma carta que escreveu para o professor Nemur, Charlie deixou anexo um relatório que intitulou de “O efeito Algernon-Gordon: um estudo da estrutura e função de inteligência aumentada” (KEYES, 2018, p. 233). Analisando o título, é possível perceber que esse oferece insights relevantes sobre a percepção de Charlie em relação à sua “auto pesquisa” e até mesmo sua identidade. O uso da expressão “efeito Algernon-Gordon” sugere uma relação entre a trajetória de Charlie e a do rato Algernon, destacando a dualidade entre o ser humano e o animal colocados em mesmo patamar na discussão sobre inteligência e ciência. Essa relação entre o humano e o animal no experimento reflete o que Candido (2006) aponta como a presença do “elemento social” na obra de arte, “não como causa, nem como significado”, mas como parte essencial da construção interna da narrativa Charlie e Algernon. Ainda que vistos como meros objetos de pesquisa, demonstram como a experiência científica impacta tanto o ser humano quanto o animal, tornando-os figuras simbólicas em um “fator de construção artística” na medida em que ambos se tornam expressões de uma questão ética e existencial central no romance.

Essa junção de nomes mostra que a experiência de Charlie é parte de um fenômeno mais amplo. O fato do nome Algernon vir primeiro no título demonstra que nesse processo de experimentação o rato foi o primeiro a fazer do processo uma tentativa exitosa, e como parte do mesmo procedimento depois

veio Charlie. Além disso, demonstra que em meio a um ambiente que não os vê como nada além de meras cobaias, somente Algernon poderia sentir o mesmo que Charlie, pois ambos passaram pelo mesmo procedimento; sendo assim, ninguém poderia mensurar o sentimento vivido por Charlie, não existe mais ninguém na narrativa com o mesmo lugar de fala. Ademais, a escolha da palavra “estudo” indica características analíticas e científicas, refletindo a própria jornada de Charlie, que agora se posiciona como um observador de sua condição. Essa autoanálise demonstra sua compreensão da ciência, representando um passo em direção à capacidade de análise independente, uma vez que Charlie desempenha ao mesmo tempo um papel de pesquisador e sujeito da pesquisa.

Por outro lado, a expressão “estrutura e função de inteligência aumentada” implica uma abordagem sistemática e metódica, revelando uma tentativa de Charlie de compreender e organizar sua própria experiência de transformação. O uso da palavra “inteligência” reforça a ideia de que o aumento cognitivo é central para sua experiência, enquanto o termo “aumentada” sugere uma dualidade: por um lado, uma evolução positiva, e por outro, a possibilidade de deterioração, como exemplificado pela queda de Algernon. O título encapsula a experiência de Charlie, refletindo sua luta por compreensão e autonomia, ao mesmo tempo em que aponta para as implicações da inteligência aumentada.

Durante toda a narrativa, os chamados “relatórios de progresso” servem como registros e relatos pessoais do protagonista desde seu estado inicial de deficiência mental até os picos de inteligência e por fim de degradação intelectual. Após a compreensão de seu estado de regressão, Charlie menciona em um de seus relatórios o seguinte:

1º de setembro – Não devo entrar em pânico. Logo haverá sinais de instabilidade emocional e esquecimento, os primeiros sintomas do esgotamento. Vou reconhecer isso em mim mesmo? Tudo o que posso fazer agora é seguir mantendo registro de meu estado mental mais objetivamente possível, lembrando-me de que este diário psicológico será o primeiro de seu tipo, e possivelmente o último. (KEYES, 2018, p.235)

Esse trecho anuncia o início do declínio cognitivo. Importante salientar

que essa é única vez em que Charlie se refere aos seus escritos como um “diário psicológico”, em vez de denominar como um “relatório de progresso”. A escolha dessa terminologia reflete uma mudança significativa no narrador, que ao mesmo tempo em que documenta importantes questões para seu “autoestudo” passa a priorizar a experiência subjetiva e emocional frente à análise de seu próprio estado, uma vez que sabe que seus escritos não servirão apenas para registro próprio, pois por se tratar de relatórios sugere que outros terão acesso a essa leitura. A voz narrativa de Charlie demonstra uma consciência reflexiva e crítica sobre sua situação. Ele reconhece a complexidade do experimento e a responsabilidade dos pesquisadores, mas também manifesta uma compreensão da condição que está enfrentando. Assim, “os elementos de ordem social são filtrados através de uma concepção estética” (CANDIDO, 2006, p.24), especialmente na forma como Charlie internaliza e exprime o efeito da pesquisa sobre sua vida e relações.

A narrativa aponta para uma consciência reflexiva e crítica sobre sua situação, pois demonstra reconhecimento da complexidade do experimento e a responsabilidade dos pesquisadores, mas também manifesta uma certa compreensão do que está enfrentando, como podemos notar a seguir:

Quero dizer aqui novamente o que já disse ao dr. Strauss. Ninguém tem culpa pelo que houve. Esse experimento foi preparado cuidadosamente, extensivamente testado em animais e estatisticamente validado. Quando decidiram me usar como o primeiro teste humano, estavam razoavelmente certos de que não havia danos físicos envolvidos. Não havia maneira de prever as ciladas psicológicas. Não quero que ninguém sofra pelo que está acontecendo comigo. (KEYES, 2018, p.236)

A forma como Charlie expressa que não quer que ninguém sofra por sua condição indica que já passou por um processo de aceitação. Ele se preocupa com os outros e não apenas com seu próprio sofrimento, o que mostra uma profundidade emocional e empatia que, finalmente, se desenvolveu junto com sua inteligência. Diferente, por exemplo de momentos em que ele se mostrou frio e arrogante nas suas relações interpessoais. Ele mesmo reconheceu isso quando afirmou “Eu era um filho da mãe arrogante e autocentrado” (KEYES, 2018, p.232).

O uso de um vocabulário mais sofisticado e a estrutura das frases refletem o crescimento intelectual de Charlie. No entanto, essa complexidade começa a desvanecer, já que ele questiona o que ainda pode entender e deduzir. Isso pode antecipar a regressão da sua inteligência à medida que ele começa a perder sua capacidade de articular pensamentos complexos. Vejamos mais um excerto a seguir:

17 de setembro – Estou ficando distraído. Coloco coisas em lugares na minha escrivaninha ou nas gavetas do laboratório e, quando não consigo encontrá-las, perco a cabeça e fico furioso com todo mundo. Primeiros sinais? Algernon morreu há dois dias. Eu o encontrei às 4h30 quando voltei para o laboratório depois de vagar pela beiramar – deitado de lado, estendido no canto de sua gaiola. Como se estivesse correndo num sonho. A dissecação revela que minhas previsões estavam certas. Comparado ao cérebro normal, o de Algernon tinha diminuído de peso e havia uma suavização geral dos enrolamentos neurológicos, além de aprofundamento e aumento de fissuras no cérebro. É assustador pensar que a mesma coisa pode estar acontecendo comigo neste momento. Ver isso acontecer com Algernon torna o problema real. Pela primeira vez, sinto medo do futuro. Coloquei o corpo de Algernon em um pequeno receptáculo de metal e o levei para casa comigo. Eu não ia permitir que o despejassem no incinerador. É tolo e sentimental, mas ontem à noite, bem tarde, eu o enterrei no quintal. Chorei enquanto colocava um monte de flores selvagens sobre o túmulo. (KEYES, 2018, p.237)

A estrutura segmentada e introspectiva do relato de Charlie, marcada por frases curtas e quebradas como “Primeiros sinais?” e “Perdi a cabeça”, sugere o estado mental confuso e perturbado do protagonista. À medida que a inteligência de Charlie se deteriora, a tensão entre sua consciência emocional e a análise científica de si mesmo revela a complexa interação entre a individualidade e os papéis sociais que desempenha. O enterro de Algernon simboliza a reflexão de Charlie sobre a relação entre eles e o impacto do experimento. A desintegração, tanto gramatical quanto psicológica, traduz sua sensação de perda de controle sobre sua mente. Além disso, há um forte contraste entre a linguagem científica e a emocional ao longo do texto. Inicialmente, Charlie descreve a morte de Algernon com uma abordagem quase clínica, utilizando termos como “diminuiu de peso”

e “suavização dos enrolamentos neurológicos”. Contudo, essa linguagem técnica dá lugar a uma dimensão emocional mais subjetiva à medida que o protagonista lida com o impacto pessoal da perda, culminando em frases como “é assustador” e “senti medo”. Esse contraste reflete a luta interna de Charlie, que oscila entre o cientista analítico e o ser humano emocional, especialmente ao final, quando descreve o enterro de Algernon com tristeza e sensibilidade. A imagem de Algernon “correndo num sonho” também carrega um simbolismo profundo. A metáfora sugere a fragilidade da inteligência que Charlie e o rato compartilharam, comparando a jornada de ambos a uma corrida efêmera que, como um sonho, está destinada a acabar. Essa imagem se aplica tanto a Algernon quanto a Charlie, ilustrando a inevitabilidade do retorno à sua condição anterior, no caso do protagonista a de pessoa com deficiência intelectual.

Outro elemento importante da passagem é a tensão entre a sentimentalidade e a racionalidade de Charlie. O ato de enterrar Algernon com flores e chorar pelo rato demonstra sua vulnerabilidade emocional. No entanto, ao descrever seu comportamento como “tolo”, Charlie revela o conflito entre sua sensibilidade humana e a postura racional que adotou. Essa dualidade entre o emocional e o racional é central à sua narrativa, expressa aqui pela tentativa de equilibrar sentimentos de afeto com uma perspectiva científica.

O tempo verbal também contribui para o impacto estilístico da passagem. A narração no presente do indicativo (estou, coloco, perco) transmite a imediaticidade dos eventos, intensificando o senso de urgência de registrar as informações à medida que ele percebe sua própria deterioração. Finalmente, o medo de Charlie pelo futuro emerge como um tema central. A experiência de ver a degradação de Algernon torna o problema real para ele, e a introdução do medo na narrativa marca uma transição significativa. O protagonista é forçado a confrontar a própria regressão iminente de sua inteligência, revelando sua vulnerabilidade diante do inevitável. A alternância entre linguagem técnica e emocional fazem desta passagem uma peça crucial na construção do fim de Charlie, sintetizando sua luta entre ciência, identidade e medo do declínio.

Em um intervalo de apenas 4 dias, Charlie demonstra que está perdendo tanto sua capacidade cognitiva na forma como passa a se comportar, quanto no que se diz respeito à escrita. Observemos a seguir:

21 de nov – Fiz uma coisa burra hoje eu me esqueci que não estava mais na aula da profª. Kinnian no centro pra adultos como eu costumava estar. Eu entrei e sentei no meu lugar antigo no fundo da sala e ela me olhou engraxado e disse Charlie onde você estava. Então eu disse olá senhora Kinnian estou pronto pra minha lissão hoje mas eu perdi o livro que a gente tava usando. Ela comessou a chorar e correu pra fora da sala e todo mundo olhou pra mim e eu vi que muitos deles não eram as mesmas peças que estavam na minha aula antes. (KEYES, 2018, p.282- 283)

A cena destaca a confusão e o embaraço de Charlie ao tentar retomar uma rotina que há algum tempo não lhe era mais comum. Ao se sentar no “lugar antigo” na aula da professora Kinnian, ele demonstra a dificuldade em perceber que a situação mudou, isso indica forte aspecto de sua regressão. A reação de Miss Kinnian, que chora e deixa a sala, evidencia a dor ao presenciar o declínio de Charlie, algo que ele demonstra não compreender completamente. A observação de Charlie sobre as “novas pessoas” na aula reforça sua sensação de alienação, mostrando a sua dificuldade em perceber que houve mudanças ali naquele ambiente, pois só notou quando se sentou e após a professora sair da sala e não quando ele entrou na sala de aula. Sua narrativa simples e direta, com frases curtas e erros gramaticais como em “engraxado”, “lissão”, “Tava”, “começou” e “peças”, reflete sua perda na capacidade de escrita e reforça a desconexão entre o Charlie atual e o anterior (gênio e cientista), enfatizando sua luta para entender o presente. A cena é um exemplo nítido do processo de degradação intelectual pelo qual ele está passando. No final da narrativa, como última parte de seus escritos, Charlie coloca:

De qualche forma aposto que sou a primera peçoa bura no mundo que discobriu algo importante pra siênciâ. Eu fiz algo mas não lembro o que. Intão axo que é como se eu tivesse feito isso pra todas as peçoadas buras como eu na residênsia Warren e em todu mundo. A deus professora Kinnian e dotor Strauss e todo mundo... P.S. porfavor digam pro professor Nemur não ser tão mau umorado quando as peçoadas riem dele e ele vai ter mais amigos. É fásil ter amigos si você dexa as peçoadas rirem devocê. Vo faze muitos amigos onde vou. P.S. porfavor si você tive uma opoturnidadi colo qui umas flores no tumulo du Algernon nu quintau. (KEYES, 2018, p.284)

Essas citações refletem o retorno de Charlie a um estado de inocência e simplicidade, evidenciado pela ortografia incorreta e a construção sintática desorganizada, resultado de sua deficiência intelectual. Isso sublinha definitivamente sua degradação intelectual e a perda de sua habilidade linguística adquirida após a cirurgia, marcando a degradação intelectual que ele mesmo previu.

A declaração de Charlie sobre ser “a primera peçoa bura” que fez algo importante para a ciência sugere sua tentativa de atribuir algum significado a sua experiência, mesmo enquanto sua compreensão da situação já não é mais ampla. A menção à “residênsia Warren” e à “ciência” sugere um reconhecimento limitado de seu papel, mas sem a capacidade de articular plenamente sua importância.

A inclusão de notas pós-escritas, como “porfavor digam pro professor Nemur” e “flores no tumulo du Algernon”, reflete uma tentativa de manter laços afetivos e de empatia, apesar da perda intelectual. Esses pedidos, simples e quase infantis, contrastam com a sofisticação que Charlie havia alcançado anteriormente, destacando ainda mais sua vulnerabilidade.

A narrativa de Charlie não é apenas uma busca por inteligência, mas uma busca por compreensão de si mesmo e da condição humana. Ao final do romance, a voz narrativa de Charlie se torna um eco do que foi perdido. A narrativa, em última análise, é uma reflexão sobre a fragilidade da condição humana e a busca incessante por compreensão e conexão em um mundo que frequentemente se mostra indiferente.

A redução estrutural em Flores para Algernon ocorre à medida que os elementos externos, como a ciência, a sociedade e as relações pessoais, são internalizadas na trajetória de Charlie, moldando a narrativa de dentro para fora. O enredo não isola essas forças sociais e éticas, mas as integra diretamente na construção da personagem e da forma narrativa. A maneira como Charlie lida com a experimentação científica e as expectativas sociais ao longo de sua jornada intelectual é formalizada na mudança de sua linguagem, que passa de um texto cheio de erros de escrita e que evidenciam a ausência de capacidade de compreender tanto sua própria situação quanto o mundo ao seu redor, para uma complexidade narrativa, e posteriormente faz um caminho reverso. Ao fazer isso, o romance exemplifica como “o externo se torna interno”, transformando fatores externos em parte integral da estrutura do texto, refletindo criticamente a

fragilidade e a vulnerabilidade da condição humana diante das forças científicas e sociais que tentam moldá-la.

Considerações Finais

A evolução estilística da voz narrativa em Flores para Algernon não se restringe a uma escolha estética, mas é um elemento essencial para o desenvolvimento do enredo. Essa progressão, visível nas mudanças que acompanham a deterioração cognitiva do protagonista, estabelece uma conexão significativa entre forma e conteúdo na narrativa.

É possível compreender aspectos essenciais da narrativa que apontam como Charlie sai de uma escrita mais simples e rudimentar para uma expressão mais complexa e erudita e vice-versa. Esse processo ilustra sua trajetória intelectual como fruto de sua intelectualidade temporária e, ao mesmo tempo, enfatiza a dimensão emocional de sua experiência. O contraste entre a lucidez temporária e a subsequente desintegração mental intensifica o impacto da narrativa, destacando a fragilidade da condição humana.

Dessa forma, a evolução estilística não é só um reflexo da transformação de Charlie, mas uma ferramenta narrativa que possibilita uma compreensão mais profunda de sua jornada da ascensão à degradação intelectual. Este percurso, marcado por um crescente sentimento de desumanização e impotência, culmina em uma conclusão que encerra o enredo e pode provocar reflexões sobre a ética da experimentação científica e a tentativa fracassada de se modificar uma mente humana.

Referências

- BOOTH, Wayne C. **A retórica da Ficção**. Rio de Janeiro-Brasil: Eleia Editora. Trad. Igor Barbosa, 2022.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 09.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- KEYS, Daniel. **Flores para Algernon**. São Paulo: Editora Aleph, 2018.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seu autor.